

A MESTIÇAGEM NA FORMAÇÃO DA SOCIEDADE DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE E SEU PAPEL DENTRO DO IMPÉRIO ULTRAMARINO PORTUGUÊS

Marta Bandeira de Freitas*

EMENTA:

Este estudo teve como foco a dinâmica do Império Ultramarino Português analisada a partir de São Tomé e Príncipe. A formação da sociedade santomense através da povoação do território por africanos e portugueses e a estratégia de cada grupo social dentro das relações ultramarinas podem responder como o poder local era fundamental para manter o funcionamento desse Império. Neste sentido, o processo de miscigenação como uma política da Coroa com o intuito de povoar as ilhas deu margem a uma africanização dos hábitos e costumes desses moradores, esta dinâmica é eixo central do trabalho a partir do qual os outros elementos foram analisados.

ABSTRACT:

This paper has as its object the Portuguese Sea Empire dynamic, analyzed by the perspective of the islands of Sao Tome and Principe. The constitution of the Sao Tome and Principe society through the occupation of its territory by Africans and Portuguese and the strategy of each group inside the ultramarine relationships could answer how the local power was fundamental to maintain this empire functioning. In this sense, the process of miscegenation as a crown's politic with the intention to populate the islands allowed an africanization of the habits and costumes of the inhabitants, this is the central aspect of this work, through it the other elements were analyzed.

PALAVRAS-CHAVES: África, Miscigenação, Escravidão

KEY WORDS: Africa, Miscegenation, Slavery

O Império Ultramarino Português se caracterizou por desbravar novas terras, a Costa Africana foi explorada por esses homens a serviço da Coroa e, muitas vezes, por conta própria que viam uma grande oportunidade de enriquecimento e prestígio social ao se envolverem no comércio com tal continente. Em busca do ouro, perceberam que o comércio de escravos poderia também ser muito lucrativo e investiram nesta atividade com muito empenho. Tal comércio já existia na África, os grandes consumidores de escravos negros eram os territórios árabes muçumanos, várias rotas comerciais transaarianas funcionavam através de caravanas que cruzavam o deserto trazendo as mercadorias do norte, como o sal e as tâmaras, e levando homens e, principalmente mulheres e crianças para servirem senhores muçumanos (LOVEJOY, 2002).

* Graduanda da faculdade de História da UFRJ. Pesquisa desenvolvida com bolsa de Iniciação Científica da FAPERJ

Antes de descobrirem São Tomé e Príncipe, os portugueses já tiveram a experiência de explorar o arquipélago de Cabo Verde que se mostrou muito vantajoso, como entreposto comercial. A grande vantagem dessas duas ilhas era que eram localizadas muito próximas à Costa do Ouro e a Costa dos Escravos e, rapidamente, se tornou uma base de comércio entre esses dois territórios. Logo, os lusitanos mediavam essas trocas extraíndo delas muitos lucros e vantagens. Por um longo período, eles foram os principais fornecedores de escravos para a fortaleza de São Jorge da Mina, onde adquiriam muito ouro (VOGT, 1973).

Além disso, as ilhas eram extremamente férteis e logo se mostraram capazes de produzir outras mercadorias. O açúcar foi a principal delas. Muitos portugueses para lá foram construir engenhos. Grande parte dos escravos permaneceu na ilha como mão-de-obra para a lavoura açucareira. Os outros, que esperavam o seu destino, na maioria das vezes para além do Oceano Atlântico, eram colocados para plantar alimentos para eles mesmos e para os escravos dos engenhos e para abastecer a Mina. Enquanto isso, aprendiam o português, que se tornara uma língua franca na Costa Ocidental africana.

Essas ilhas antes da chegada dos europeus eram despovoadas o que acarretou na particularidade da formação da sociedade santomense. A Coroa portuguesa concedeu uma série de privilégios aos moradores da ilha e aos portugueses que para lá se dispusessem a ir. A incerteza do sucesso nos negócios e precariedade salutar do ambiente, tornava a aventura muito cara, porém, se houvesse sucesso, os lucros e o prestígio social valeriam a pena. A livre negociação de escravos e mercadorias na Costa Africana foi um grande incentivo que o Rei permitiu com o intuito de povoar a ilha e fazer crescer o empreendimento açucareiro (SILVA, 2002 & Henriques, 2000).

Não foram só os brancos europeus que perceberam a oportunidade ali colocada, muitos negros livres se lançaram na empreitada de povoar tais ilhas e estabelecer negócios com esses homens tão diferentes que chegavam ao seu continente. Na maioria das vezes, eles se aventuravam para o interior do continente para negociar escravos e mercadorias que depois vendiam aos portugueses seja na costa ou nas ilhas. Logo, além do grande contingente de escravos que chegava a São Tomé e Príncipe, havia também muitos africanos livres o que deu margem a um processo de mestiçagem muito intenso. A Coroa portuguesa, inclusive, incentivou esses casamentos mistos e alforriou os frutos dessa união. Foram esses mestiços oriundos dessas relações que se tornaram a elite local e foram os herdeiros dos lucrativos engenhos de açúcar de seus pais. Porém, os seus hábitos e costumes estiveram ligados diretamente às suas mães, o que tornou a sociedade dessas ilhas altamente africanizada, uma

3

vez que as linhagens familiares às quais pertenciam estavam ali no continente, muito mais próximas (Henriques, 2000).

O poder local ocupou a Câmara Municipal, esses homens do açúcar e do comércio de escravos, já marcados pela mestiçagem, vão girar uma engrenagem de poder baseada em suas redes sociais. O poder sócio-econômico desses senhores lhes permitiu atrair para a sua esfera de influência indivíduos brancos, mulatos, negros forros, que constituem as suas clientelas, possuíam também exércitos formados por escravos. Esses grupos clientelares geralmente acabavam entrando em conflitos, dividindo a população em facções encabeçadas por esses senhores de engenho poderosos. No entanto, os europeus tinham praticamente o monopólio dos postos superiores da administração eclesiástica, civil, militar e régia, principalmente os cargos de governadores, bispos, ouvidores e provedores. Porém, estes reinóis nem sempre eram bem-vindos pela população local, gerando muitos embates. Logo abaixo destes, estão os principais senhores de engenho, ocupando os cargos municipais e serventias dos ofícios administrativos, eles disputam com os outros o poder e o prestígio social. Abaixo dessas duas camadas existiam grupos sociais médios, envolvidos com o comércio costeiro ou com pequenas fazendas, além de oficiais mecânicos, como sapateiros, ferreiros, etc. (Serafim, 2000).

A dinâmica social de São Tomé e Príncipe se insere na totalidade do Império Ultramarino português através dessas redes sociais locais. Esses senhores de engenho, filhos de pai branco e mãe negra, se sentem como parte integrante desse Império. Uma complexa burocracia régia ali se instaurara, ocupada apenas por gente oriunda de Portugal, que espalhava por essas terras os tentáculos do Rei. Ao mesmo tempo, o trabalho desses homens só era possível, e o seu poder só era validado se o poder local com suas redes clientelares o permitissem, senão não haveria credibilidade em tais instituições. Era uma via de mão-dupla, um dependia do outro (HESPANHA & XAVIER, 1993). Nesse sentido, a mestiçagem da população sãotomense tem um grande papel dentro desse sistema, as cores tomam um sentido relativo a partir do momento que o poder local e a estrutura da população se baseia na mistura de culturas. A monarquia portuguesa precisava desses mestiços, inclusive para manter a ordem dentro daquelas ilhas. Portanto, São Tomé e Príncipe, representava um importante território dentro do Império, a sua localização estratégica como entreposto comercial e a sua rica produção açucareira estava nas mãos desses mestiços, com os quais a Coroa deveria lidar e respeitar para mantê-los sob sua esfera.

BIBLIOGRAFIA:

- HENRIQUES, Isabel Castro. São Tomé e Príncipe: a invenção de uma sociedade. Lisboa: Vega, 2000

- SERAFIM, Cristina Maria Seuanes. As Ilhas de São Tomé no século XVII. Lisboa: Centro de História de Além-mar, 2000

- SILVA, Alberto da Costa e. A Manilha e o Libambo: a África e a escravidão, de 1500 a 1700. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002

- VOGT, John L. The Early Sao Tome-Principe Slave Trade with Mina, 1500-1540. The International Journal of African Historical Studies, Vol.6, No.3, (1973), pp. 453-467.

- XAVIER, Ângela Barreto & HESPANHA, António Manuel. "A representação da sociedade e do poder" IN: A.M. Hespanha, *O Antigo Regime - 1620-1810*, volume IV da *História de Portugal* dirigida por José Mattoso, Lisboa: Círculo de Leitores, 1993.